

“Brasil ainda não é lusófono”

DECLARAÇÃO DE REITOR DE UNIVERSIDADE PORTUGUESA DEFINE IMAGEM DO PAÍS EM CONGRESSO INTERNACIONAL REALIZADO EM LISBOA

POR PATRÍSIA CIANCIO, DE PORTUGAL

A frase deu o tom do Brasil entre países irmãos de língua no que parecia um inofensivo debate sobre a situação do português no mundo.

— A lusofonia não é brasileira e o Brasil ainda não é lusófono. Mas sem o Brasil não haverá lusofonia — diz Fernando dos Santos Neves, reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), promotora do congresso.

O Brasil ganhou a responsabilidade pela afirmação da língua portuguesa no mundo, ao menos na série de debates do I Congresso Internacional da Lusofonia, entre 8 e 10 de fevereiro, na Sociedade de Geografia de Lisboa. Nenhum brasileiro compunha a bancada de doutores e autoridades nas mesas de debate do evento.

O encontro tratou da integração dos países que têm o português como idioma (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste). A proposta é que a lusofonia seja um projeto de cooperação e não de dominação, tônica promovida por Portugal ao longo da história.

O reitor Fernando Neves acrescentou, no entanto, que “a era Lula anunciou passos importantes na valorização estratégica do idioma”, ao contrário do que, segundo ele, teria ocorrido na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Para ilustrar, lembra uma frase que teria sido dita por FHC, que “o Brasil não precisa de lusofonia, mas de desenvolvimento”.

Defesa lusófona

No evento, Neves fez ainda críticas ao funcionamento da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), na presença do secretário-geral da entidade, Luís Fonseca, que defendeu a necessidade de fazer do bloco lusófono uma comunidade de cidadãos.

— O conceito de lusofonia precisa ser aprofundado, pois é a forma mais eficaz de comunicação entre 220 milhões de pessoas que falam a língua portuguesa. E essa é a idéia para consolidar a comunidade — diz Fonseca.

Fernando Cristóvão, professor da



Universidade de Letras de Lisboa, afirmou que a lusofonia não é neocolonialista. Segundo ele, a língua deixou de ser portuguesa, mas de todos, quando as ex-colônias foram se reapropriando dela e fazendo alterações de acordo com seus universos nacionais.

A professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Isabel Tomás, por sua vez, cita o sincretismo cultural na polinização lingüística.

— Defende-se o português como a língua de Camões, mas essa é também a língua de Machado de Assis, Jorge Amado, Mia Couto, etc. Se Portugal é um país de identidade única na Europa, deve-se aos africanos e asiáticos que encontraram ao longo dos séculos.

Mais voraz é a posição de Pedro Dias, professor da Universidade de Coimbra, com forte repercussão nos debates.

— Haverá diferenças histórico-culturais na lusofonia que obriguem



Macau, ex-colônia portuguesa incrustada na China: relações internacionais ainda são desafio

à existência de processos educativos diferentes dos que imperam na comunidade educativa global.

Comunidade educativa

Dias foi contra a ideia de que existe uma comunidade educativa global, já que esse conceito implicaria em partilha de meios, esforços e resultados, e a globalização não alcança esses preceitos. Em seguida, atacou o eurocentrismo e dispensou a necessidade da comunidade lusófona com efeito provocador.

– Existirá lusofonia para além das fronteiras de Portugal? Não. Qual é a vantagem do português frente ao inglês? Qual é a vantagem da comunidade lusófona? Não vemos tal existência.

O professor da Universidade de Coimbra defende que a comunidade de língua portuguesa é na verdade uma ilusão.

– Para Portugal, a CPLP é uma fantasia, uma tentativa de cópia da

INICIATIVAS BRASILEIRAS

No Brasil, movimentos em favor da lusofonia começam a surgir, como a criação do portal www.projetulusofonia.org. Idealizador do projeto, o produtor cultural Wagner Moreira acredita que o Brasil “acordou para a realidade lusófona, mas ainda está com sono”.

– Não é possível falar do samba “patrimônio cultural brasileiro” sem falarmos do samba ritmo angolano. Não podemos falar da morna (ritmo caboverdeano) e esquecermos os tambores bantos. Estamos muito mais

envolvidos que somente na questão da língua.

Para Moreira, é preciso que as iniciativas do gênero estimulem a ideia de que “somos espelhos de nós mesmos sem perdermos nossas identidades”.

– E isso é fundamental para conhecermos a fundo as culturas de nossos países, a ponto de olharmos um moçambicano e enxergarmos um português, olharmos um angolano e enxergarmos um brasileiro.

Commonwealth. Um sistema educativo comum à comunidade lusófona não é viável, nem desejável. Acho que essa comunidade é incipiente e reflete a própria gênese da expansão portuguesa. No Brasil, a língua coloquial afasta-se cada vez mais do idioma europeu. O Brasil tem empresas para entrar em África, não precisa do português de Camões – disparou Dias.

Do outro lado da mesa, respondeu o presidente da Biblioteca Nacional, Jorge Couto, que Portugal e Espanha criaram representatividade na América, mas que no caso do espanhol teria havido uma concentração maior e sua projeção não dependeu da Espanha, tendo sido fruto do processo de imigração para os Estados Unidos. E que o português traça uma comunidade em que as diferenças são abissais.

– Nos últimos anos o Brasil teve maior empenho junto à CPLP. Em África, o português é de fato a única língua em que moçambicanos e angolanos se entendem. Os angolanos são os maiores defensores da lusofonia, da língua e do turismo. Creio que Angola pode nos dar uma lição nisso. Em duas décadas aparecerá o Brasil com maioria, em segundo lugar o português em África, com suas particularidades, e em terceiro aparece o português europeu – argumentou.

Brasil e Ásia

O Brasil também aparece como aposta nas palavras do Alto Comissário do governo de Goa Eduardo Faleiro, que, apesar de falar português, preferiu em inglês durante o encontro.

– O Brasil é um dos grandes países da nova ordem internacional, ao lado de Índia, África do Sul e China. Temos um diálogo regular. A Índia não é um país de expressão portuguesa, mas tem Goa, assim como a China tem Macau. É um elo com alguns países da Ásia – assinalou Faleiro.

A visita à Índia em janeiro pelo presidente português Aníbal Cavaco Silva, resultou em diversos acordos entre as universidades dos dois países. Faleiro disse que a grande questão agora é implementar essas ações. Como complemento, a embaixadora da Índia, Nilima Mitra, diz que é crescente a importância da Ásia no século 21, sendo um bom momento para que Índia e Portugal aprimorem relações, o que torna um tema de impacto a lusofonia e tudo o que esses países tenham em comum.

Material produzido com apoio do Programa Alban, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Europeia para América Latina.